

“O SENTIDO DO OLHAR DE CURUMIM”: TOADA DO BOI GARANTIDO

“O SENTIDO DO OLHAR DE CURUMIM”: A BOI GARANTIDO FOLK SONG

Francisca de Lourdes Souza Louro¹
ROR Universidade de Coimbra | SEDUC (AM)
flourdesslouro1@gmail.com



RESUMO: As manipulações da memória neste texto serão evocadas à intervenção de um fator inquietante e multiforme que se intercala entre a reivindicação da ancestralidade, da história e da resistência de um povo que expressa em forma de toada a identidade nas expressões públicas da memória. Tomada nesse nível de profundidade, a análise do fenômeno toada é ideológico e se inscreve na órbita de uma “semiótica cultural”. Vê-se perfeitamente que o texto carrega enquanto fator de integração a ideologia pode ser tida como guardiã da identidade, na medida em que ela oferece uma réplica simbólica às causas de fragilidade dessa identidade. O texto, por ora estudado, oferta de fato, o que a ideologia busca legitimar: a autoridade da ordem do poder, o que acrescentaria uma espécie de mais valia à nossa crença espontânea, graças à qual esta poderia satisfazer às demandas da credibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Toada. Ancestralidade. Memória. História. Resistência.

ABSTRACT: The manipulations of memory in this text will be evoked by the intervention of a disturbing and multifaceted factor that intersects between the claim of ancestry, history and the resistance of a people who express their identity in the form of toada in the public expressions of memory. Taken at this level of depth, the analysis of the toada phenomenon is ideological and falls within the orbit of a “cultural semiotics”. We can clearly see that the text carries as an integrating factor that ideology can be considered as the guardian of identity, insofar as it offers a symbolic response to the causes of the fragility of this identity. The text studied here in fact, offers what ideology seeks to legitimize the authority of the order of power, which would add a kind of added value to our spontaneous belief, thanks to which it could satisfy the demands of credibility.

KEYWORDS: Toada. Ancestry. Memory. History. Resistance.

“Para evocar o passado sob forma de imagens, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso poder sonhar. Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo” (Ricoeur)

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 27 (Jul-Dez/2025)

Informações sobre os autores:

1 Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (1996). Especialista em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna (2005). Mestre e Doutora em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra em 2012. Atua no Magistério Superior, desde 1997. Membro Colaborador da I & D - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a partir de dezembro de 2009. Membro do Centro de Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas na área de Literatura - UFAM. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa - GEPELIP. Pós-Doutorado na Universidade Federal do Amazonas - UFAM, sob a Orientação do Doutor José Aldemir de Oliveira - NEPECAP.



10.29281/rd.v13i27.18383

Fluxo de trabalho

Recebido: 15/03/2025

Aceito: 09/12/2025

Publicado: 24/12/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)





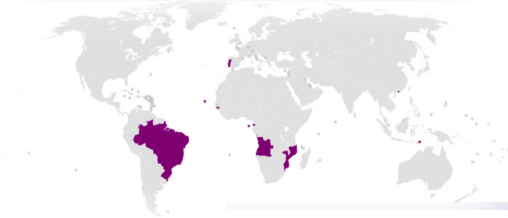
Há muitos anos, o festival folclórico de Parintins, tal a história conta, deixou de ser uma mera brincadeira. Começou com o Garantido em 1913, por *Lindolfo Monteverde* na baixa de São José, em uma pequena vila de pescadores. Surge o boi branco com o “coração” na cor preta marcado na testa, depois, em conversa entre os brincantes, optaram que o coração passasse a ser na cor vermelha e assim está e, quando nas brigas com os rivais, a cabeça do boi branco nunca quebrava ou ficava avariada, “isso era garantido”, dizia seu Lindolfo. Garantido tornou-se a representação da resistência e da força deste povo da floresta.

Neste ano de 2025, o festival dos dois bois em Parintins completa cento e doze anos no mês de junho, esta festa anima a povoação e as comunidades nos arredores de Parintins, ultimamente tem ultrapassado as fronteiras da Amazônia. Os tambores quando ecoam pela floresta, vão cada vez mais longe, alcançam o ritmo dos corações e das emoções, desfraldadas dos milhentos braços, esboçando no ar coreografias de exaltação do bumbá preferido. O povo é convocado a participar ativamente em todas as evoluções, ora se transformam em guerreiros da selva, ora acendendo na memória a lembrança do passado das danças ancestrais e ritos ressuscitados. Os adereços são utilizados como uma variedade de colares e pinturas corporais, para enfeitar os corpos das pessoas que incorporam a festa como um ritual a ser comemorado. O folclore na floresta tornou-se múltiplo, ganhou cores novas e formas requintadas para homenagear os dois bois bumbás, “Garantido” na cor banca e vermelha, o “Caprichoso”, na cor branca e azul.

A toada¹ do Boi Garantido, escolhida para este evento de estudo traz a composição pelas mãos de Pedro Nogueira; Igor Serrão; Michael Trindade e Paulo Almeida. Escolheram como tema a evocação feito à memória que clama pelo retorno da tradição e da ancestralidade, a proposta é o apelo ao resgate dos valores culturais nativos que caíram no esquecimento nesta modernidade. Os autores carregam na letra a bandeira da celebração folclórica neste momento de comunhão. Convocam a todos os envolvidos com um grito de guerra, para a luta em prol do resgate da paz. O texto conclama toda a *tradição do olhar interior a ser construído como um impasse rumo à memória coletiva, quando já é o homem interior que lembra de si mesmo* (Ricoeur, 2007). É sobre esse fundo de admiração pela memória tingida de inquietação quanto ao ameaçado esquecimento, que pode ser reconsiderada uma declaração do tempo vivido e estendido na memória do Curumim, personagem desta toada.

O objetivo do texto é apresentar os elementos constitutivos na construção da toada do Boi Garantido. O que chama a atenção do público “brincante” são os elementos narrativos, destaca-se o mais escaldante da atualidade, ou mais vulnerável da existência, tal como as condições de vida do caboclo amazônico, na luta pela preservação do meio

¹ Toada, ato ou efeito de toar, rumor, ruído, entoação, maneira. Cantiga, parte musical de uma cantoria. KURY, Adriano da. Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: 2001.



ambiente e pela sobrevivência das tribos indígenas, tantas vezes dizimadas pelos forasteiros invasores, em nome da ganância desenfreada. Optou-se por apresentar os elementos que envolvem todo o movimento que congregam a feição da festa, a começar pela narrativa de memória, tal quando o Curumim evoca a ancestralidade na figura materna na cultura da nação. Por certo, a defesa da cultura nativa está igualmente referida pela grave ameaça de extinção, devido ao abandono das línguas ancestrais, o esquecimento dos rituais primitivos, o apagamento das crenças antigas e da mitologia dos antepassados, que se confundiam com a flora e a fauna das florestas virgens e dos rios.

Resulta, ainda, do caráter inteligível da narrativa que a atividade de seguir uma história constitui uma forma elaborada de compreensão. Compreender será então refazer a operação discursiva portadora de inovação (Ricoeur, 1986).

A personagem do texto é o *Curumim* que representa nesta toada, a melancolia e a angústia aparatosas, desde a entrada não menos exuberante de um herói conhecido para confrontar os problemas existenciais cuja resposta, em parte, nos escapa pois estão apagadas pelo tempo. Os autores comprazem-se em exagerar os contornos desta aparição, para que os espectadores tenham tempo de recorrer à *mechane*, tradicionalmente usada para epifanias, quando o evento recorre ao uso dos guindastes carregando personagens, como quando aparecem voadoras no ar, ou arrastadores pelo chão. A propósito, todo o drama será estendido a outros contextos dramáticos vistosos por todo desenvolvimento da apresentação da toada no teatro da arena do bumbódromo, onde acontecem as ações. Do mesmo modo, no cerne do problema está a mobilização da lembrança na memória a serviço da busca da demanda da reivindicação de identidade.

No fundo existe, por todo texto, a evocação do passado remoto de um povo que sofreu nas mãos dos que chegaram para colonizar. A vida ressurgiu com entrada triunfal, ousada, com a presença do trágico Curumim, convocando à população para que faça um levante social e peça uma reparação dos que aqui chegaram.

Parece-nos defensável que a estrutura da toada obedeça a convenções associadas a dois ciclos de criações: toadas com temática de sacrifícios e de grandes crises sociais, pestes, fomes, calamidades, que procuram num ritual extremo uma via de superação. Mas, sem dúvida, o que parece constituir a essência da opção de a toada ter por tema o trágico, esta, foca-se com prioridade, sobre essa vítima jovem, plena de vida e de legítimos projetos, que uma força maior veio prematuramente aniquilar. O *Curumim* sendo testemunha ocular dos fatos vividos no passado, agora narrados, apresenta-se como o maravilhoso hiperbólico aliado ao devaneio da história e da literatura de



Carvajal², que jamais foi comprovada, mas que é a semente da qual brotou o mito, envolto em polêmica e mistérios.

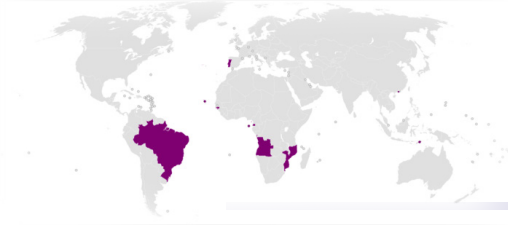
Por toda toada há uma mistura complexa de fantasia produzida em estado de vigília na formação identitária dos amazônidas. Embora se tenha passado centenas de anos de tudo acontecido, mas quando a memória faz o resgate com clareza de consciência a possível realidade do passado, por vezes, responde com outras possíveis indagações de informes geográficos e históricos atualizando o contexto.

O Garantido sempre esteve cômico da identidade e nunca se esquece de homenagear nas suas representações, as nações nativas existentes no Amazonas, onde vivem em plena harmonia com a natureza. O narrador nos assegura com pertinência, a alma sensível que nele existe, ao recordar com tristeza o dia que apareceu o “Kariwa invasor”, que chegou e pisou o solo sagrado dos nativos existentes e começou a desbotar o verde das florestas. Hoje, na contemporaneidade estão os garimpos exploradores do que há nos rios e florestas desse grande mundo verde. Os indígenas de hoje, habituaram-se à presença dos brancos, dos caboclos ou outros mestiços que não param de explorar e já são pacíficos e convivem com os brancos exploradores, a briga é desigual porque suas armas primitivas ainda são as mesmas e se sentem derrotados nessa briga de poder.

Os amazônidas, filhos do intenso e permanente caldeamento étnico e cultural fundaram a origem de uma nova civilização, orgulhosa do cenário em que os seus expoentes se souberam integrar, lidando com um universo magnífico, grandioso, deslumbrante, imponente, maravilhosos e bravio, mas sempre “misterioso e lendário”, longe das convenções e da banalidade, porque a natureza amazônica é uma força viva que se constrói, modifica e se reconstrói incessantemente, incorporando em si espécies de animais, vegetais e viventes com hábitos, seus matizes etnoculturais, as alegrias e as tristezas, as desesperanças e no seu sofrimento. Nesse contexto, embora o testemunho não seja considerado profético, mas enquanto recebido por quem observa e assiste as informações do passado neste teatro de arena, sente-se comovido de perceber a luta que aconteceu no passado. Hoje, o Garantido nos coloca no papel de testemunha, através da recordação da memória e, gradativamente, os papéis representados das lembranças pelos membros do grupo que exige de nós um deslocamento de ponto de vista, do qual somos eminentemente capazes por sermos fruto desse passado.

Como se observa, a toada é um mergulho na memória do passado ouvindo de longe o ranger das dobradiças, ou como agora, ao escancarar as janelas da arena ao som do ar fresco das três noites onde acontecem o evento mais esperado da sociedade amazonense. Existe um fluxo de consciência da figura do “*Eu*” *enunciativo que postula*

² Carvajal, Frei Gaspar de. Relación del famosísimo e muy poderoso rio llamado el Marañon.



*a presença de um Tu, o alocutário (o outro) a quem o discurso de dirige*³, utilizado pelo recurso da memória ou do olhar no retrovisor da existência que busca recuperar todo passado de dor e atrocidade, praticado pelo colonizador que a fez baseado nos dogmas do rei, da lei e da fé.

Este ensaio é para apresentar como os compositores resgatam com autonomia os acontecimentos que ficaram na fronteira do passado. Por esta liberdade criadora a soberania consagra o artista que pinta com arte, a possível realidade. As possíveis lembranças da infância constituem, nesse aspecto, uma excelente referência para reconstruir imagens que podem ocorrer em lugares socialmente marcados: a arena do boi bumbá. É neste lugar, pelo lado das representações coletivas, que devemos nos voltar para dar conta das lógicas de coerência que presidem à percepção do mundo.

A luta contra o esquecimento não é a única razão de ser desse momento ativo da rememoração, é preciso acrescentar a ela o efeito de distanciamento no tempo que dá à recordação o aspecto de uma transposição de uma distância que suscita perguntas do tipo há quanto tempo? (Ricoeur, 2006, p.126).

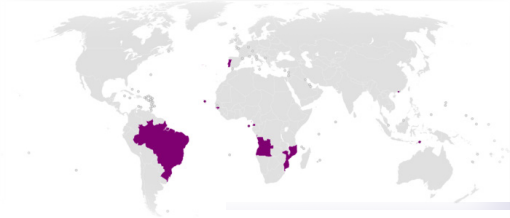
A arte não poderia copiar o real porque entre este e aquele há um olho que refrata a luz (aqui a memória) que transforma as lembranças em imagens. O possível de se tentar copiar o real do passado está na “ocularidade”, sendo abordada em três momentos: a chegada do Kariwa invasor; a dor dos devastados seres Parintintins; o grito da convocação da luta pelo retorno da Ancestralidade e a paz. Para facilitar a compreensão eis o texto para a leitura e análise, observem que a linguagem é comum, retrabalhada com a ajuda da semântica e de uma pragmática do discurso, oferece aqui uma ajuda preciosa, com a noção de atribuição das operações psíquicas a alguém. Observemos a função gramatical do pronome pessoal do caso reto “eu” com indícios retóricos de confissão e das lembranças espalhadas pelo texto.

A luta contra o esquecimento não é a única razão de ser desse momento ativo da rememoração, é preciso acrescentar a ela o efeito de distanciamento no tempo que dá à recordação o aspecto de uma transposição de uma distância que suscita perguntas do tipo há quanto tempo

Olhar de curumim

Que um dia o deus da crença desses homens maus
Perdoe o genocídio feito a fogo e cruz

³ O discurso ou enunciação discursiva manifesta a relação de pessoa eu-tu, e nele são utilizados como tempos verbais fundamentais o presente, o futuro e o perfeito.
REIS, Carlos; Lopes, Ana Cristina. Dicionário de Narratologia. Edições Almedina, S.A, 2011, p.122.



Regaram esse solo com o sangue dos meus
O caos a matança em nome de Deus

Eu, ainda curumim, sem nada entender
Levado a força dos braços de minha mãe
A dor e o pavor, o Kariwa invasor,
É isso que propaga o seu deus de amor?

Ô ô ô ô ô

Erguemos nossos punhos
Lutamos pela terra
Os rios e a floresta
Sou dono desse chão
Não vamos sucumbir
A ordem é resistir
Marchamos de mãos dadas
Temei nossa união

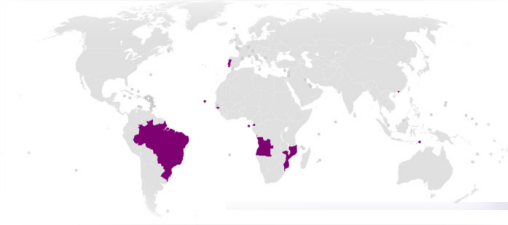
Por curumins e cunhantãs iremos resistir
O Garantido é a bandeira do povo a lutar
É a memória, é a história que não vai morrer
É a essência e a resistência dos meus ancestrais

Ô ô hey hey hey
Ô ô hey hey hey
Garantido é a vontade de um povo que clama por paz
Ô ô hey hey hey
Ô ô hey hey hey
Por justiça e liberdade grito
Escravidão nunca mais.

O texto tem como marcação inicial a “rogação” na oração adverbial de tempo (narrativo). Lembremos que para Foucault, tudo está imerso em palavras *e, tudo está imerso nas relações de poder e saber, falar e ver que constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam*⁴ (Fischer, 2012). Observemos que a intriga nas narrativas de ficção é o mediador entre o acontecimento e a história, e na concepção de (Ricoeur, 1986) a linguagem mais do que descrever a realidade, revela-a, cria-a, e essa relação com o real não é direta, mas sempre mediatizada por “*configurações*” e “*refigurações*”, *São elas que ordenam, criam congruências e dão forma, sentido e ordem à experiência humana*⁵ que vemos acontecer nos dias de festa na arena.

4 Fischer, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

5 Ricoeur, Paul. *Do Texto à ação*. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. RÉS- Editora, Lda. Marquês de Pombal, 79. Porto – Portugal, 1986.



*“Que um dia o deus da crença desses **homens maus**
Perdoe o genocídio feito a fogo e **cruz**.”*

Aqui começa a regra e formação dos conceitos da consciência do narrador no movimento de memória do que permitirá o leitor, ou o ouvinte, ser um espectador privilegiado, em um lugar, também privilegiado, de ler, ouvir, ou assistir a narrativa acontecer. *A mneme-memória e anámnese consagrada por Aristóteles, designa a simples presença no espírito de uma imagem do passado concluído*⁶. A luta contra o esquecimento não é a única razão de ser desse momento ativo da rememoração: é preciso acrescentar a ela o efeito de distanciamento no tempo que dá à recordação o aspecto de uma transposição de uma distância que suscita perguntas do tipo “há quanto tempo?”. *Todas essas questões temporais no texto dão a entender a passadidade do passado, seu distanciamento do presente*⁷.

Os distintos modos de relembrar o passado *não apenas criam o mundo externo imaginado, mas eles criam a natureza imaginada do ator no passado, o que, na medida em o ator é visto como um predecessor, refere-se também àqueles que vivem no presente*⁸. Ainda, em Coutinho, recolocando a ideia de que

o ato de lembrar ocorra no âmbito pessoal, a natureza e o conteúdo do que é lembrado tem sempre influência decisiva que advém do contexto societário e sobre ele reflete, contribuindo para a criação de um passado intersubjetivo⁹.

A ligação da imaginação à questão do tempo é operada no campo da função narrativa, entendida como ambição de refigurar a nossa condição histórica e de a elevar ao estatuto de consciência histórica, que encontra os seus limites face à aporia da unicidade do tempo, surgindo como uma mediação imperfeita entre o futuro como horizonte de expectativas, o passado como tradição e o presente como surgimento intempestivo.

Destacamos o uso da oração adverbial de tempo (que) para pôr o leitor em sintonia com o desejo, quase uma rogação do homem, que no passado foi o *curumim*. *O deus da crença desses homens maus*. Efetivamente, a imagem que os autores buscaram recompor sobre o passado real, ressurge, neste cenário, como modo de experiência no presente, mesmo a partir de elementos do passado é sempre pré-constituída pelo que somos no momento da evocação. De todo modo, esta história e o destino deste homem que fala e deseja, tende a se estruturar por meio de memórias organizadoras que alimentam o seu

⁶ Ricoeur, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 200.

⁷ Idem,

⁸ Coutinho, Walter. *Gente valente: histórias matsés no Vale do javari*. Manaus: Editora Valer, 2021.

⁹ Idem.



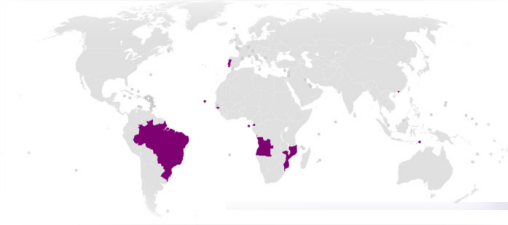
sentimento de identidade que passou por muita mudança, por todas as vicissitudes da história. A consciência reflexiva nesse sentido é característica de toda ação humana, e é a condição específica daquela reflexibilidade institucional maciçamente desenvolvida, componente intrínseco da modernidade.

Não vamos radicalizar o que está dito ou sugerido, mas a frase que abre o texto e as que se seguem, tem significados absolutos e servem para chamar mais atenção (no que é posto em foco). Os homens **maus** assim dito refaz o possível caminho do descobrimento do Brasil com a chegada dos descobridores estrangeiros que causaram essa dor sem precedentes e, que ainda hoje, refeita e traduzida com extorsiva e abundantemente carregada da ideia de nociva. Assim percebe-se nesta ordenação de reconstrução a relevância e o objetivo que é atribuída ao invasor, utilizada pelo “Curumim” na função de persuadir o interlocutor. A criança daquele passado, perdeu a disciplina e a rotina que a ajudariam a construir um referencial para a existência, não teve a oportunidade de cultivar um sentido de ser, a separação (do colo da mãe, ela que era o elemento de segurança ontológica) lhe privou da segurança da família, das atividades inerentes a um mundo comum e as inerentes à manutenção da vida.

O sofrimento foi um longo percurso que marcou a nação, e o Curumim que ainda hoje chora e lamenta por ter corrido o risco de ter perdido determinados efeitos da sua criação, *por ter sido arrancado do colo da mãe*, neste ato de rebeldia contra as exigências niveladoras do social que lhe foi imposta, vem, neste presente, como reação ao mundo imposto, resgatar por sua memória e se apresentar como guardião daquele passado. Este movimento prospectivo do espírito voltado para a lembrança, insere-se como uma tarefa a se cumprir, o Curumim é como se tivesse o dever de memória com a ideia de justiça que se deve questionar. Pode-se dizer que o extraordinário na população humana foi a sua adaptação: a plasticidade das evidências de que a referência no Curumim não se perdeu mesmo estando na assimilação das outras culturas. A intenção não foi fazer crer que a forma de contar e narrar seja suficiente, e sim, apenas mostrar o quanto esta referência é relevante, e que nunca se perca a ponto de, em certos casos, praticamente deixar na sombra os outros fatores que nesta modernidade está acontecendo em nosso Brasil.

Sobre o *deus da crença desses homens maus*.

Essa observação recai sobre a chegada dos brancos europeus ao Brasil que trouxeram a fé cristã aqui disseminada pelos colonizadores. Porém, se fosse um outro colonizador, ou um budista para amenizar a dor, convenhamos, causaria o mesmo defeito, pois haveria rompimento do elo simbólico entre esses grupos sociais. Lembremos, porém, que a invasão não respeitou a sociedade consolidada com sua própria fé, cultura e mitos



que representam a criação do mundo e dos homens. Cada etnia tem uma cultura que forma e solidifica a sociedade que representa, é disso que o autor do texto traz para o espectador

Em estudo sobre os Tukanos¹⁰ pode-se observar que os rituais servem para proclamar a nobreza de meninos e meninas que passam por provas de competência física para as experiências que viveram. Há, também, o ritual do casamento, e para os indígenas, a floresta e o rio tem uma importante representação na recolha de alimento para a subsistência, as relações sociais envolvem o preparo do alimento que consomem, tal como fazem no preparo da mandioca e como quando retira da floresta a caça alimentar.

É comum entre as nações pintarem os corpos, e cada nação, utiliza traços em seus desenhos que os identificam e contam histórias sobre si.

A maloca inteira¹¹ como as suas partes distintas estão de tal maneira ligadas ao mito e aos rituais, que é impossível tentar separar aqui o profano e lá o sagrado; o significado religioso, o símbolo sobrepõe-se à visão apenas material de cultura.

Eu ainda curumim, sem nada entender / levado à força dos braços de minha mãe
– Interessa neste estudo falar da figura materna e sua função na criação do filho.

Aqui está a atribuição a si mesmo, *o preenchimento – é seu nome – é direto, imediato, certo: ele imprime em seus atos a marca de uma possessão, de uma minhadade sem distância; uma aderência pré-temática, pré-discursiva, antepredicativa subtende o juízo de atribuição a ponto de tornar-se inaparente a distância entre o si e suas lembranças, e de dar razão às teses do olhar interior*¹². Este “eu” é constitutivo do momento linguístico da memória posta como fenomenologia da ação. Esta lembrança é retirada dos obstáculos da experiência traumática evocada por intervenção de terceiros: o tempo.

Nestes versos, o vínculo ancestral é quebrado pela violência do Kariwa, (homem branco invasor) tirado à força do colo da mãe, roubando-lhe o direito de ela ensinar ao filho e de ele aprender a preservar os valores da cultura da nação: a língua, os valores e a tradição. A função feminina na tribo é muito valorada pois é dela o direito de criar o curumim, carregar o rebento em todas as horas do dia, trabalhar com ele nas costas, não se separar em momento algum, assim, ensina-o e aprende o amor, a filiação e os valores da sociedade à qual está inserido. A criança, quando se põe a andar entre os mais velhos, escolhe seguir os iguais e observar para aprender como vivem, pois é neles que estão o modelo para a vida futura deste infante.

10 Jurema, Jefferson. Universo mítico ritual do povo Tukano. Manaus: Editora Valer, 2001

11 Jurema, Jefferson. Universo mítico ritual do povo Tukano. Manaus: Editora Valer, 2001.

12 Ricoeur, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François [et al.]. Campinas Editora da Unicamp, 2007.



Paes Loureiro (2001), um dos estudiosos sobre a vida amazônica, faz apreciação sobre a mitologia e nos diz que esses eventos, reaparecem com a linguagem própria da fábula que flui como produto de uma faculdade natural, que são levadas pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas. Aqui, na Amazônia, ainda reina a cultura de convivência com seus mitos, de personificar suas ideias e as coisas que admiram.

Erguemos nossos punhos
Lutamos pela terra
Os rios e a floresta
Sou dono desse chão
Não vamos sucumbir
A ordem é resistir
Marchamos de mãos dadas
Temei nossa união

Nestes versos contidos de lamento de agressividade humana carrega a força do desejo de regeneração social, e só há duas oportunidades: ou detê-la ou enfrentá-la. Honestamente, o homem deseja apreender onde estão suas raízes tal como o mesmo afirma: - “Sou dono desse chão”. A discussão está assim transferida à fronteira entre memória coletiva e a história. Este menino que está a nos contar está situado numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros. Tal visto na visão compreende então que todo o “sentido” é a coexistência de uma verificação lógica (historicamente definida e sujeita pela finalidade da comunicação).

Aqui entramos na parte da ciência histórica da construção da nação, porém, não vamos por este mérito dada a errância do navegador ter chegado por aqui. As razões para interpretar o advento pelo viés da era moderna como transformação promovida, principalmente por interesses de classes, que só buscam posição social, culminou na agressiva dizimação dos ancestrais. Destruí-los, seria a realização para transformar num outro o mundo desejado, mais pacífico, mais amigável aos homens e, também, acreditar que pode ser capaz de fazer a ação em transformação.

Os artistas escolheram um alvo, embora muito acima de realizar o confronto desejado, mas o padrão de excelência está na culminância de teimosamente tentar atingir o “Kariwá” que chegou com o seu deus e juntos fizeram todo “mau” à terra dos Parintintins. É nesse ponto que as reflexões sobre a atração da natureza selvagem saem fortalecida por não se deixar marginalizar. Os atores brincantes, chegam portando marcas indeléveis no corpo e na memória, porém, a concordância de que tudo não passa de uma fantasia que não pode ser realizada, mas que é bom sonhar e reconstruir na arquitetura temporal de nossa civilização uma alegoria de existência. Mais que isso, sob certas formas contemporâneas de depoimento suscitadas pelas atrocidades em massa do passado, o povo ainda resiste,



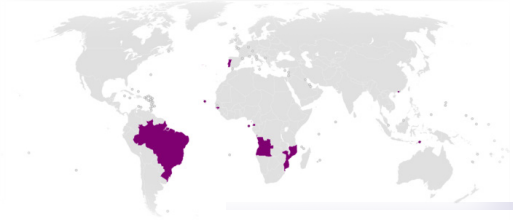
não somente à explicação e à representação, mas até a colocação em reserva nos arquivos, a ponto de manter-se deliberadamente à margem da historiografia e despertar dúvidas sobre sua intenção veritativa.

Curumim percebeu que o mundo à sua volta não é algo dado em definitivo, com mão amiga talvez seja possível transformá-lo e mudá-lo, esse é seu desejo de mudança nessa evocação toada aos presentes do boi Garantido. O homem acreditou na sua capacidade de fazer a diferença no curso da própria vida, mas também, solicita ajuri nesta festa de união e realização. Ressalto a beleza e bonita mensagem dos autores, que com astúcia enviaram pela boca do menino “Vontade e liberdade”. Não há equivoco, e qualquer tentativa de negar a presença da ausência de liberdade, ou ocultar seu poder atribuindo o papel causal à presença esmagadora de forças externas que hoje o homem enfrenta na contemporaneidade. A vida humana consiste num confronto perpétuo entre as condições externas da realidade, por isso o confronto é “real” mesmo sob cuja luz opaca, o grau de sucesso ou fracasso na vida é registrado e determinado sob essa luz. Ninguém está livre de riscos e seguro contra o fracasso e desapontamentos posteriores. O desejo da vida boa nem sempre é possível, especialmente quando se deseja contar todas as estrelas cintilando no céu, pois, as nuvens as deixam nebulosas. O desafio é difícil, mas com tenacidade é possível.

A orquestra que acompanha a toada é conhecida como batucada e vestem-se na tradição a que eles estão formados. O povo participa afetivamente em todas as evoluções, ora transformando-se em guerreiros da selva, ora ascendendo na memória, as lembranças dos terreiros de São João. Na arena, as danças ancestrais e ritos foram incorporados, bem como uma variedade de pinturas corporais, para assimilar e sincronizar as matrizes ancestrais. Colares e encanitaras de penas de aves para enfeitar os cocares dos atores em cena. Vaqueiros, caboclos ribeirinhos, canoas, barco gaiola, botos tucuxi no banzeiro, um gavião real que mete respeito e a Cobra-Grande – Boiuna passeando e que assusta a assistência da plateia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ricoeur (2007) assevera que *a especificidade do testemunho consiste no fato de que a asserção da realidade é inseparável de seu acoplamento com a autodesignação do sujeito que testemunha*. Temos nesta toada as lembranças do “Curumim” na impressão afetiva de acontecimentos capazes de tocar a testemunha com força de um golpe de história pessoal. É como ele dizer: eu estava lá, acreditem em mim, se não acreditam perguntem a outra pessoa. Porém, o que a confiança da palavra reforça na toada é a similitude em humanidade nos membros da comunidade. A suposição de um mundo compartilhado



possível, torna-se ideal de concórdia mais que de concordância. A toada abre espaço à lógica argumentativa na visão do historiador tendo o povo como juiz. Ademais, os historiadores, pouco acostumados a pôr o discurso histórico no prolongamento crítico da memória, tanto pessoal quanto coletiva, não são propensos a aproximar o uso do termo “representação” que forma a primeira cadeia conceitual de discurso da memória, e a ambição da verdade histórica.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- CARVAJAL, Frei Gaspar de. **Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañón**. Trad. Auxiliomar Silva Ugarte. Manaus : Editora Valer, 2021.
- COUTINHO, Walter. **Gente valente: histórias matsés no Vale do javari**. Manaus: Editora Valer, 2021.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- JUREMA, Jefferson. **Universo mítico ritual do povo Tukano**. Manaus: Editora Valer, 2001.
- KRISTEVA, Julia. **O texto do romance**. Livros Horizonte, LDA. Lisboa, 1984.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- MAGALHÃES, Hiana. **O festival da canção de Parintins**: Por meio das narrativas dos compositores. Manaus : Editora Valer, 2021.
- RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. RÉ-S- Editora, Lda. Marquês de Pombal, 79. Porto – Portugal, 1986.
- _____. **Percurso do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, 2007